

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MACHADO DE ASSIS
FACULDADES INTEGRADAS MACHADO DE ASSIS
NÚCLEO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO - NPPGE**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**10 QUESTÕES PARA COMPREENDER O QUE É PLÁGIO
NA PERSPECTIVA DA LITERATURA ESPECIALIZADA.
INFORMATIVO**

Santa Rosa
2015

10 QUESTÕES PARA COMPREENDER O QUE É PLÁGIO NA PERSPECTIVA DA LITERATURA ESPECIALIZADA.¹

1 PLÁGIO: DO QUE TRATA?

[...] plágio é a imitação fraudulenta de uma obra, protegida pela lei autoral, ocorrendo verdadeiro atentado aos direitos morais do autor: tanto à paternidade quanto à integridade de sua criação. Não é exagero adjetivar o plagiário como malicioso, disfarçado, astuto, hábil, dissimulado. O plagiador (ou plagiário) costuma não confessar o ilícito. Por isso, empenha-se em disfarçar em disfarçar o assalto, evitando deixar vestígios. Seja movido por inveja, seja por mera preguiça, o plagiário escamoteia e mente, desmoralizando o verdadeiro criador intelectual. Essa conduta é típica de nossa sociedade de aparência, na qual o importante não é ser, mas simplesmente parecer e aparecer.

O plágio é quase sempre de parte(s) de obra alheia, e não de sua íntegra, visto que a prova judicial de obra completamente igual a uma consiste em tarefa que, muitas vezes, não exige maiores esforços. O plágio grosseiro e total é hipótese não muito comum, pelo simples fato de ser facilmente identificado e ilícito. (MORAES, 2006, p. 95).

2 QUAIS AS SANÇÕES DA LEI?

Art. 108. Quem na utilização, por qualquer modalidade, de obra intelectual, deixar de indicar ou de anunciar, como tal o nome, pseudônimo ou sinal convencional do autor e do intérprete, além de responder por danos morais, está obrigado a divulgar-lhes a identidade da seguinte forma:

II – tratando-se de publicação gráfica ou fonográfica, mediante inclusão de errata nos exemplares ainda não distribuídos, sem prejuízo de comunicação, com destaque, por três vezes consecutivas, em jornal de grande circulação, dos domicílios do autor, do intérprete e do editor ou produtor. (BRASIL, 1998).

3 IDEIAS PODEM SER PLAGIADAS?

[...] não existe plágio de idéias, porque as idéias em si não são objeto de proteção (LDA-98, art. 8º, I). Elas são inapropriáveis, têm “trânsito-livre”, pertencem a todos, são da coletividade. A forma dada às idéias, contudo, é pessoal. Não se pode confundir, portanto, algo de *todos* com algo de *cada um*. Todo ato de criação, ao mesmo tempo em que se alimenta do acervo cultural de um povo, é, antes de tudo, um ato eminentemente pessoal. (MORAES, 2006, p. 97).

4 QUAIS OS TIPOS DE PLÁGIO MAIS COMUNS?

1. Plágio Direto: Consiste em copiar uma fonte palavra por palavra sem indicar que é uma citação e sem fazer referência ao autor.

2. Tomar emprestado o trabalho de outros estudantes: Dormitórios, repúblicas e fraternidades proveem atmosferas propícias para o empréstimo de textos. Não há nada errado em estudantes ajudarem uns aos outros ou trocarem informações. Mas você deve escrever seus próprios textos. Apresentando um texto que alguma outra pessoa escreveu é um caso especial de plágio direto.

¹ Informativo elaborado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Adriana Dias Kraemer, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – NPPGE e do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP das Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA, Santa Rosa, 2015.

3. Referência Vaga ou Incorreta: Um escritor deve indicar onde um empréstimo começa e termina. Algumas vezes, um escritor faz referência a uma fonte uma vez, e o leitor presume que as sentenças anteriores ou parágrafos tenham sido parafraseados quando na verdade a maior parte do texto é uma paráfrase desta única fonte. O escritor falhou na indicação clara dos seus empréstimos. Paráfrases e resumos devem ter seus limites indicados por referências — no começo com o nome do autor, no fim com referência entre parêntesis. O escritor deve sempre indicar quando uma paráfrase, resumo ou citação começa, termina ou é interrompida.

4. Plágio Mosaico: esse é o tipo de plágio mais comum. O Escritor não faz uma cópia da fonte diretamente, mas muda umas poucas palavras em cada sentença ou levemente reformula um parágrafo, sem dar crédito ao autor original. Esses parágrafos ou sentenças não são citações, mas estão tão próximas de ser citações que eles deveriam ter sido citados ou, se eles foram modificados o bastante para serem classificados como parafrases, deveria ter sido feito referência à fonte. (KIRPATRICK, 2015, p.2) [grifo do autor].

5 QUAIS AS REGRAS USUAIS PARA CITAR CORRETAMENTE UM TEXTO ALHEIO?

Regra 1 – Os textos objeto de análise interpretativa são citados com razoável amplitude.

Regra 2 – Os textos da literatura crítica só são citados quando, com sua autoridade, corroboram ou confirmam afirmação nossa. [...]

Regra 3 – A citação pressupõe que a ideia do autor citado seja compartilhada, a menos que o trecho seja precedido e seguido de expressões críticas.

Regra 4 – De todas as citações devem ser claramente reconhecíveis o autor e a fonte impressa ou manuscrita. [...]

Regra 5 – As citações de fontes primárias devem de preferência ser colhidas da edição crítica ou da edição mais conceituada. [...]

Regra 6 – Quando se estuda um autor estrangeiro, as citações devem ser na língua original [...] Nestes casos pode ser mais ou menos útil fazer seguir a tradução entre parênteses ou em nota [...]

Regra 7 – A remissão ao autor e à obra deve ser *clara*. [...]

Regra 8 – Quando uma citação não ultrapassa duas ou três linhas, pode-se inseri-la no corpo do parágrafo entre aspas duplas. [...]

Regra 9 – As citações devem ser *fiéis*. Primeiro, deve-se transcrever as palavras tal como estão (e, para tanto, convém sempre, após a redação, confrontar as citações com o original, pois, ao copiá-las, à mão ou à máquina, costumamos incorrer em erros ou omissões. [...]

Regra 10 – Citar é como testemunhar num processo. Precisamos estar sempre em condições de retomar o depoimento e demonstrar que é fidedigno. (ECO, 2003, p. 121-126) [grifo do autor].

6 O QUE É PARÁFRASE?

[...] consiste em produzir, no interior de um mesmo discurso, uma unidade discursiva que seja semanticamente equivalente a uma outra unidade produzida anteriormente. (GREIMAS; COURÉS, 1989, p. 325 apud MEDEIROS, 2008, p.167).

7 POR QUE PARAFRASEAR?

O primeiro dado é de que os textos originais contêm informações complexas, que podem apresentar dificuldades de entendimento. Dessa forma, a paráfrase tem como objetivo traduzir um texto complexo em linguagem mais acessível. A tradução, no entanto, acarreta a diluição do

conhecimento, da informação nova, e isto provoca alguma perda. Não obstante isso, revela-se útil, porque é um degrau que se sobe para atingir a informação superior.

Parafrasear é, pois, traduzir as palavras de um texto por outras de sentido equivalente, mantendo, porém, as idéias originais. A paráfrase inclui o desenvolvimento de um texto, o comentário, a explicação. A substituição de uma palavra por outra revela-se a paráfrase que mais se aproxima do original. O desenvolvimento, o comentário, a explicação, o resumo são textos parafrásticos, se comparados com o original. (MEDEIROS, 2008, p.168).

8 HÁ TIPOS DE PARÁFRASE?

A **paráfrase** pode ser ideológica ou estrutural. No primeiro caso, o desvio é mínimo: varia a sintaxe, mas as idéias são as mesmas. Há apenas uma recriação das idéias. Pode-se entender a paráfrase ideológica como simples tradução de vocábulos, ou substituição de palavras por outras de significação equivalente. Nesse caso, a paráfrase registra o menor desvio possível em relação ao texto original. No segundo caso, há uma recriação do texto e do contexto. O comentário crítico, avaliativo, apreciativo, o resumo, a resenha, a recensão são formas parafrásticas estruturais de um texto. (MEDEIROS, 2008, p.125) [grifo do autor].

9 COMO TER CERTEZA DE QUE UMA PARÁFRASE NÃO É UM PLÁGIO?

Antes de tudo, se for muito mais curta do que o original, é claro. Mas há casos em que o autor diz coisas de grande conteúdo numa frase ou período curtíssimo, de sorte que a paráfrase deve ser muito mais longa do que o trecho original. Neste caso, não se deve preocupar doentamente em nunca colocar as mesmas palavras, pois às vezes é inevitável ou mesmo útil que certos termos permaneçam imutáveis. A prova mais cabal é dada quando conseguimos parafrasear o texto sem tê-lo diante dos olhos, significando que não só não o copiamos como o entendemos. (ECO, 2003, p. 129).

10 O QUE DIFERENCIA UMA PARÁFRASE BEM PRODUZIDA DE UMA MAL REDIGIDA?

<p>TEXTO ORIGINAL</p>	<p>“A vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. Sucessivas gerações viveram numa constante expectativa do demônio destruidor, cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era votada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a Segunda Vinda e o Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos ‘sinais’ que, segundo a tradição profética, anunciariam e acompanhariam o último ‘período de desordem’; e, já que os ‘sinais’ incluíam maus governantes, discórdia civil, guerra, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevisas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldade em detectá-las.” (COHN, 1965, p.128 apud ECO, 2003, p.128).</p>
<p>PARÁFRASE HONESTA</p>	<p>“A esse respeito, Cohn é bastante explícito. Debruça-se sobre a situação de tensão típica desse período, em que a expectativa do Anticristo é, ao mesmo tempo, a do reino do demônio, inspirado na dor e na desordem, mas também prelúdio da chamada Segunda Vinda, a Parússia, a volta do Cristo triunfante. Numa época dominada por acontecimentos sombrios, saques, rapinas, carestia e pestes, não faltavam às pessoas os ‘sinais’ correspondentes aos sintomas que os textos proféticos haviam sempre anunciado como típicos da vinda do Anticristo.” (ECO, 2003, p.128).</p>
<p>FALSA PARÁFRASE</p>	<p>“Segundo Cohn... [segue uma lista de opiniões expressas pelo autor em outros capítulos]. Por outro lado, cumpre não esquecer que a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. As gerações viviam na constante expectativa do demônio destruidor, cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada</p>

<p>FALSA PARÁFRASE</p>	<p>à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio à Segunda Vinda ou ao Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último 'período de desordem': e, já que esses 'sinais' incluíam os maus governantes, a discórdia civil, a guerra, a seca, a fome, a carestia, as pestes e os cometas, além de mortes imprevistas de pessoas importantes (e uma crescente pecaminosidade geral), nunca houve dificuldade em detectá-las." (ECO, 2003, p.129).</p>
<p>PARÁFRASE TEXTUAL INADEQUADA QUE EVITA O PLÁGIO</p>	<p>"O próprio Cohn, já citado, recorda ainda que 'a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior'. As diversas gerações viviam em constante expectativa do demônio destruidor, 'cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a 'Segunda Vinda e o Reino dos Santos'.</p> <p>As pessoas estavam sempre alerta e atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último 'período de desordens'. Ora, sublinha Cohn, uma vez que estes sinais incluíam 'maus governantes, discórdia civil, guerra, seca, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevistas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldade em detectá-los". (COHN, 1965, p.128 apud ECO, 2003, p.129).</p>

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso: 10 mar. 2015.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 18. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KIRPATRICK, Ken. Evitando o Plágio. **Lepem**. Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia. Universidade Federal do Ceará – UFC. Disponível em: <<http://www.lepem.ufc.br/jaa/plagio.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, Rodrigo. O Plágio na Pesquisa Acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. **Diálogos Possíveis**: Revista da Faculdade Social da Bahia – FSBA, 2006, p. 91-108. Disponível em: <[HTTP://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/4/06.pdf](http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/4/06.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2014.